4
Contextualizando o Campo de Investigação

Faço discretamente coisas loucas; sou o único testemunho de minha loucura. O amor que desnuda em mim é a energia.

R. Bakhtin

4.1
A origem da pesquisa

Todo investigador, ao escolher sua temática de trabalho, não o faz sem o acionamento de forças que remontam à sua história e, portanto, concernem aos aspectos de sua vida subjetiva. Sendo assim, cabe assinalar que é possível rastrear e traçar os determinantes que o levam a tal escolha.

Há vinte anos, aproximadamente, iniciei voluntariamente uma participação na Pastoral do Recém-Nascido, através de um convite do pároco[1] da Igreja Católica de São Conrado. O convite consistiu na possibilidade de implantação de um "Serviço de Psicologia", contando com o funcionamento da distribuição de leite, já existente. A solicitação era de uma intervenção psicológica junto às mães que participavam deste recebimento.

A Pastoral funcionava com a distribuição voluntária de leite em pó para mães de recém-nascidos da favela de Vila-Canoas, o que se dava de forma irregular, isto é, havia semana que uma mãe podia receber duas latas, outras vezes, uma, e, às vezes, nenhuma. Dependia da doação dos paroquianos. Havia uma voluntária que se encarregava de distribuir o leite. Ficava nas dependências da igreja por um período de duas a três horas, num determinado dia da semana, aguardando as mães, que chegavam para recebê-lo.

Com a minha entrada na Pastoral, precisei determinar o horário para começar e para terminar o trabalho. A intenção era dedicar duas horas de uma manhã e uma hora a mais, no máximo, caso fosse necessário atender a alguma

[1]Este pároco (Pe. Djalma Rodrigues de Andrade) havia sido meu professor de uma disciplina religiosa na PUC/Rio, no período de minha graduação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

demanda individual[2].

Uma necessidade imperiosa para o funcionamento grupal é o compromisso de seus participantes no cumprimento de determinadas regras. Foi explicitada ao grupo a necessidade de que os atendidos chegassem num determinado horário, de modo a haver uma participação global. Assim, teve início a construção das regras, em conjunto com o grupo de mães. Na medida em que a garantia de presença do trabalho de psicologia se fez constante e, portanto, havia possibilidade de funcionamento do grupo pelo trabalho do psicólogo, ao mesmo tempo pôde-se observar que a regularidade da entrega do leite se fez necessária, já que a presença dos participantes estava estabelecida anteriormente pela distribuição do leite.

Mas uma mudança radical se produziu: foi introduzido no grupo, e pelo grupo, a possibilidade de recebimento ou não do leite em função de uma regra estabelecida. Por ter havido uma imensa demanda pelo serviço da Pastoral, o grupo decidiu dar prioridade a quem pudesse usufruir dos serviços de psicologia, pois quem não pudesse participar das palestras, com a justificativa de que se tinha que ir ao trabalho, poderia comprar o leite, porque percebia salário.

A construção de uma regra para normatizar o funcionamento de uma prática até então existente foi responsável pelo aparecimento de um interessante fenômeno: o número de pessoas, querendo inscrever-se na Pastoral, aumentou assustadoramente. Havia dias em que cerca de cento e cinqüenta pessoas ficavam do lado de fora do portão da igreja, querendo entrar. Começou a aparecer gente das favelas vizinhas: Rocinha, Vidigal e Rio das Pedras. Fazia-se a inscrição das pessoas, mas não se tinha como incluí-las no serviço da Pastoral.

Na medida em que esta informação passou a ser difundida em espaços que se ocupam da discussão de temas comunitários, houve o aumento do número de doadores, o que permitiu um maior número de inscritos no programa. A Pastoral passou a atender a cem recebedores de leite, quando, originalmente, se limitava a trinta.

[2] Cabe aqui assinalar que o fato de ser um trabalho voluntário sugere uma doação daquele que nele se envolve. Quero ressaltar que, quando se trata de doação, seu destinatário passa a ocupar uma posição singular, ao compreender que a doação de uma hora de trabalho é uma retirada de uma jornada, por uma escolha. Trata-se, assim, de uma ação que produz um efeito imediato: o destinatário se compromete, ao tomar ciência de que aquilo que é doado não é da ordem de um resto ou de um excesso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Com a intenção de minimizar o caráter puramente assistencialista, queria construir, em conjunto com as pessoas que recebiam o leite, um espaço de interlocução, a fim de discutir questões da vida em geral, partindo de uma referência profissional, ou seja, a prática clínica psicológica.

Nesta época, eu desenvolvia, em consultório particular[3], o que chamei de curso sobre Psicologia do Desenvolvimento para pais, com o objetivo de instrumentalizá-los em relação à educação e à formação de seus filhos. A idéia de também transmitir conhecimentos sobre a psicologia do desenvolvimento de forma sistematizada foi aceita pelos participantes da Pastoral. É importante ressaltar, mais uma vez, que as regras de funcionamento foram sendo construídas na medida em que o trabalho se desenvolvia, e apontadas pelos próprios membros do grupo[4]. Foram, então, discutidos e estabelecidos, com o grupo, o horário e o dia para os encontros, o tempo de duração de cada encontro, o tempo de permanência de cada participante no grupo, os atrasos e as faltas.

A inserção da mãe ou do responsável pela criança no grupo se dá a partir do terceiro mês de nascimento. A mãe deve apresentar a certidão de nascimento de seu filho e, normalmente, aguardar até que seja chamada. Há uma fila de espera constante, em torno de cento e cinqüenta pessoas. A permanência de cada membro no grupo é de dois anos, tempo que, juntamente com o grupo, achei necessário para a assimilação e a internalização das questões discutidas nas reuniões semanais da Pastoral. A entrada de um participante no grupo se dá com a vaga deixada por um outro, e pode acontecer em qualquer época do ano. É pouco comum um participante desistir do grupo. Normalmente, seu desligamento se dá quando seu prazo de permanência expirou, ou quando lhe surge algum trabalho. O lugar da criança é sempre garantido pela presença da mãe no grupo ou por

[3]Em minha prática clínica, houve uma demanda por parte de pais de pacientes (crianças) e também de amigos conhecidos, para que organizasse um curso sobre conhecimentos da psicologia que pudessem instrumentalizá-los na educação e na formação de seus filhos. A proposta era explícita: "Queremos um curso, aulas. Não queremos fazer terapia em grupo. Queremos discutir a partir de uma teoria que acreditamos poder nos ajudar. Gostaríamos de que você falasse dos aspectos psicológicos, desde o nascimento até a adolescência". Após alguns grupos fui entrevistada pela revista *Fatos e Fotos*, com uma reportagem intitulada: "OS PAIS VÃO À ESCOLA". Ver em anexo.

[4]Este fato faz muito sentido para o funcionamento deste trabalho, porque a exigência de regras surgiu do próprio grupo. Em relação a esta questão, Guattari usa a expressão grupo dispositivo, justamente para dizer que é através das tensões geradas no próprio grupo que se devem buscar suas soluções, ou, em suas palavras, suas "linhas de fuga" (BARROS, R.D.B. "Grupos e Produção". *SaudeLoucura...*, op. cit.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

qualquer outro adulto (pai, avós, vizinhos e parentes), quando a mãe precisa se ausentar por algum problema particular. Portanto, o grupo funciona com uma heterogeneidade de sexo e de idade muito evidente, além de muitas crianças pequenas, que acompanham os pais. Atende-se a cem famílias, sendo dois grupos de cinqüenta participantes, oriundos das favelas da Rocinha e de Vila Canoas. Um, sob minha coordenação, e outro, coordenado pela psicóloga Nayara Wiethaeuter[5].

O controle das inscrições e da doação/distribuição do leite sempre foi feito por um voluntário[6] e pelo zelador da Igreja[7].

Como foi dito, a regularidade da distribuição do leite se fez importante para o funcionamento do grupo. O processo de distribuição operou como um dispositivo para a construção das regras que organizavam a realização deste trabalho. Por exemplo, antigamente, a reunião tinha início às oito horas. Quem chegava atrasado dispersava muito o grupo. Após discussão, ficou estabelecido que a tolerância para quem chegasse atrasado seria de dez minutos, caso contrário, a pessoa não poderia receber o leite. Era aberto um espaço de discussão, o grupo avaliava o motivo apresentado e chegava de forma consensual a uma decisão de exceção da regra ou de sua ratificação.

Um outro exemplo se refere à falta da mãe ao grupo. Se ela tiver que faltar por um motivo qualquer, pode enviar uma outra pessoa no seu lugar. Tal pessoa não pode ser uma mãe inscrita no grupo nem uma criança. O recebimento do leite ficou, então, atrelado à participação de um adulto, representando o lugar do recém-nascido inscrito no grupo. Somente um adulto tem condições de discutir e transmitir as questões colocadas no grupo à mãe faltante, assim como a presença assídua de um adulto garante um não esvaziamento do grupo e mantém a diversidade de opiniões e participação nas reuniões.

O local para a realização do trabalho era o interior da igreja, até o momento do término da construção do salão paroquial, onde se conta com ótimas instalações (armário para guardar o leite, banheiros, água, ventiladores, quadro de giz, TV, vídeo, aparelho de som, alto-falante, microfone, e mural). Este trabalho

[5]Voluntária com formação em psicoterapia familiar.
[6]Há quatro anos vem sendo feito por Isabel Balian.
[7]Sr. Adriano Dias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

sempre foi realizado através de palestras, que seguem o roteiro[8] de um curso sobre o desenvolvimento emocional da criança.

Vários outros temas surgem a partir do que é exposto. Não só temas sobre as relações familiares, mas também voltados para a questão da cidadania, como trabalho, vagas em escolas para os filhos, atendimento hospitalar, entre outros.

A dinâmica do grupo se dava através da exposição oral de conteúdos teóricos e, em seguida ou às vezes ao mesmo tempo, com interlocuções dos participantes, como formulações de questões ou exemplos, que iam ilustrando ou confrontando o conteúdo teórico exposto.

Desde o início deste trabalho, houve uma demanda para atendimento individual. Geralmente, após a reunião, há, em média, umas cinco pessoas querendo falar particularmente. Atende-se ao que é possível e opta-se pelo encaminhamento ao serviço de Psicologia Aplicada da PUC[9]. Como algumas pessoas optavam por colocar suas questões por escrito[10], a ação empreendida consistia em não atendê-las de imediato, já que tal modo de agir representa algo a ser tomado como um movimento do grupo.

Recebia várias cartas e lia para o grupo, procurando, desta forma, obter alguma resposta para tais questões, ou seja, dava-se continuidade, assim, a um espaço de reflexão com direito à palavra.

A configuração do funcionamento do trabalho de doação de leite já é, neste momento, objeto de uma significativa transformação. Os participantes, além de receberem o leite, tiveram a oportunidade de produzir uma escrita de ordem subjetiva e também de refletir sobre o conteúdo das cartas num contexto de coletividade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

[8]Ver o programa das palestras, em anexo.

[9]Hoje, também encaminha-se a um grupo de psicólogos que estão com consultório na Rocinha, sendo uma das psicólogas ex-estagiária da Pastoral do Recém-Nascido, no ano de 2000.

[10]Ver exemplo nas cartas, em anexo.

4.2
A configuração do contexto

Muitas indagações converteram-se em inquietações contínuas, que me fizeram ir ao encontro da realidade social que serviu de base para o estudo das questões suscitadas nesta investigação.

Antes de mais nada, quero salientar que esta preocupação é antiga e que, de certo modo, se encontra enraizada nos determinantes – e corre paralela a estes – que me mobilizaram para minha escolha profissional.

Quando estava escrevendo o projeto para a seleção do Curso de Doutorado, completavam-se dezessete anos de minha inserção no trabalho da Pastoral do Recém-Nascido, da Igreja Católica de São Conrado. Nesta época, várias interrogações, que me foram feitas e que eu me fiz ao longo desta experiência, se tornaram questões importantes neste estudo, para compreender sua dinâmica e seu funcionamento, a partir de um foco teórico e metodológico de análise, num contexto acadêmico.

As interrogações que me foram feitas partiram de pessoas residentes no bairro de São Conrado, quando, por várias vezes, fui convidada por outros setores da Pastoral para falar do trabalho, assim como nas reuniões mensais do Conselho Paroquial da Igreja de São Conrado. Também surgiram de colegas, em situações de algum encontro profissional, como em seminários, palestras e congressos.

Era constantemente abordada com questões de difíceis respostas, como: "você é religiosa ou tem alguma ligação com a igreja, para estar fazendo esse trabalho numa pastoral? Mas como você transmite conhecimentos da psicologia para pessoas tão despreparadas? Será mesmo que elas entendem? Por que você nunca escreveu sobre esse trabalho? Por que escrevê-lo através da academia?"

Além de ser surpreendida com significativas indagações, constatei um interesse crescente deste coletivo em se familiarizar com o trabalho no âmbito da psicologia. Não só isto, sabia que estas indagações apontavam um mais além, que se traduz em preocupações na busca de bem-estar, em melhores condições de vida e na conscientização de determinados aspectos da vida. Havia interesse em cooperar e a cooperação era legítima, como na seguinte indagação: "Que trabalho lindo! Eu até gostaria de participar, nem que seja doando o leite". Mas também havia uma certa recriminação, que só posso pensar como auto-recriminação: "É

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

um trabalho muito bonito! Pena que as pessoas (as mães participantes da pastoral) não saibam dar valor. Elas não têm alcance. Com certeza só vão lá por causa do leite. São pessoas muito ignorantes".

Uma inquietação atravessava-me constantemente: qual a mobilização que levava os integrantes deste coletivo a quererem participar cada vez mais do trabalho? Por que a lista de espera aumentou tanto e permanece sempre? Identificar este fator motivacional, certamente uma expressão genuína da condição desejante de cada um, me fez alçar vôos mais longínquos, até que cheguei a pensar que, se tivesse mais tempo para investir nesta proposta, fazendo alguma parceria com empresas ou com o governo, poderia receber mais pessoas e, talvez, pudesse atender à demanda de acompanhamento das famílias por mais tempo, até as crianças ingressarem na escola, como era seu desejo. Elas sentem que a freqüência semanal por dois anos lhes concede um ponto de referência para cuidar dos filhos com mais segurança. E, se esta parceria fosse possível, como poderia incluir os serviços que me são constantemente demandados, como acompanhamento médico e dentário, formação e qualificação profissional, grupos de orientação aos adolescentes e outros mais[11]?

Enfim, estaria pensando em estratégias e métodos de como criar uma cultura do profissional que seja operativa, num recorte de uma coletividade com sua caracterização própria? Eis o que me levou a uma prática que, acredito, dela não posso afastar-me, pelo contrário, sinto que tenho que me implicar mais e mais.

Indica-se, assim, a construção de uma alternativa para um tipo de atuação profissional que não se restrinja ao limite do assistencialismo.

4.3
Fragmentos de história de vida

Iniciar uma produção escrita sobre uma prática de longos anos requer o exercício da reflexão, o que remete a situações da própria história de vida. E, aqui, a pergunta: Você é religiosa? Por que trabalhar numa Pastoral? Parece que há, no saber popular, uma suposição de que a história pessoal pregressa influencia

[11]Lancetti, A. realizou um importantíssimo trabalho na Secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos (SP), com o objetivo de produzir condições de inclusão social e de desenvolvimento humano e econômico. (LANCETTI, A. (Org.). *Assistência Social e cidadania*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

diretamente nas escolhas dos sujeitos. E disto não temos dúvida! Eis um apontamento que me lembra a época em que, ainda na infância e no campo, ouvia narrativas, numa situação em grupo[12]. Minha mãe era professora (normalista) numa localidade do Estado do Espírito Santo e os meus irmãos mais velhos estudavam em regime de internato, em colégio de padres jesuítas. Em suas férias, organizavam com a comunidade camponesa, próxima à nossa casa, torneios esportivos, gincanas e palestras sobre algum tema (higiene, sistemas de esgoto, cuidados com a água, vacinação, vida comunitária: amizade, fraternidade, solidariedade…), à luz das explicações obtidas em seus estudos e em sua formação jesuítica. A prática com trabalhos em comunidades teve início a partir de minha inserção nos grupos de jovens da Igreja Católica, desde quando cursei o "ginásio". Nesta época, participei também de trabalhos realizados por um casal de estrangeiros, que desenvolvia atividades no MEPS (Movimento de Educação e Promoção Social).

O desejo de iniciar uma prática profissional o mais cedo possível me fez optar pelo curso de Formação de Professores (curso "Normal"). Concomitantemente, fiz o curso "Clássico", pois queria aprofundar-me nos estudos de filosofia, de sociologia e de idiomas.

Morava, então, em Cachoeiro de Itapemerim (ES) e dei continuidade à minha prática comunitária através de encontros de jovens, realizados pela Pastoral da Igreja Católica. Trabalhava neste momento com alfabetização de adultos, segundo o Método Paulo Freire.

Através das aulas práticas do curso "Normal" e das disciplinas do curso "Clássico", fiz minha opção pela psicologia. Precisava vir para o Rio de Janeiro, porque, na época, ainda não havia tal curso no Espírito Santo.

Assim que entrei para a faculdade (PUC/Rio), vinculei-me às atividades de sua pastoral e fui trabalhar na Rocinha, também com alfabetização de adultos, ainda pelo Método Paulo Freire.

Durante todo o curso de graduação, sempre estive engajada em trabalhos comunitários, via pastoral, e em estágios nas diferentes áreas de aplicação da

[12]Esta questão se remete a Benjamin, para quem o verdadeiro narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais (BENJAMIN, W. "O narrador", *Obras Escolhidas*..., op. cit.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

psicologia: escolar, industrial (seleção de pessoal) e clínica (ambulatório e internação), com o objetivo de ter uma visão das suas múltiplas aplicações.

No contato com as demandas de pessoas marginalizadas, sinto que o convite à ação é imediato. Geralmente, as demandas são de naturezas tão urgentes, tão básicas e, diria, tão simples, que, às vezes, se trata de uma demanda apenas de escuta ou de uma postura acolhedora[13]. Esta constatação, desde os trabalhos na pastoral e nos estágios, me remete a uma outra questão, que me propuseram, em função de não ter escrito sobre tal prática.

Talvez uma possível resposta a esta questão seja o fato de existir uma colagem direta entre a demanda destas pessoas e a ação de ajuda imediata. Parece não haver intervalo para uma reflexão mais distanciada, a ponto de produzir um texto escrito, em função de as demandas serem, em sua maior parte, muito básicas, como mencionado. Além disto, posso também dizer que, na relação "clínica" com esta população, há uma manifestação de gratidão tão explícita, que se faz através de um simples olhar, de um aperto de mão, de uma lágrima que escorre, de um choro contido. A clareza da gratidão parece colocar-nos num momento de sentimentos tão próximos um do outro a ponto de gerar uma sensação de satisfação. Parece que algo foi confirmado, de fato produzido. É um momento entre duas ou mais pessoas, em que se vive a sensação de plenitude de afeto, da experiência da ligação que temos uns com os outros e do prazer que sentimos no reconhecimento do quanto nos fazemos bem mutuamente: o terapeuta, com a sua disposição em ajudar, e o outro, no reconhecimento de que foi ajudado. Posso dizer, segundo minha experiência, que a prática da clínica me tem propiciado o prazer de viver em relação à existência do outro.

---

[13]Benilton Bezerra, ao relatar uma experiência terapêutica com grupos, desenvolvida por profissionais do Centro Psiquiátrico Pedro II (RJ), afirma: "Havia muitas afirmações peremptórias, descrição de situações concretas, pedidos e perguntas diretas, problemas objetivos, e assim por diante. (…) O fato de esses clientes não carregarem de forma maciça os emblemas e insígnias da cultura psicológica não impediu a escuta analítica".
"Da mesma forma, a função do terapeuta pôde mais facilmente ser percebida no que tem de essencial: ocupar um lugar que, investido transferencialmente pelo cliente, serve de garantia para a emergência das formações inconscientes que põem em xeque as versões imaginárias de cada um" (BEZERRA, B.J. "Grupos: Cultura psicológica e psicanálise", *SaúdeLoucura..,.*op. cit., pp. 142-143.
Jairo Goldberg, numa experiência de psiquiatria institucional (CAPS), também vai privilegiar a escuta do paciente, marcando, deste modo, que todas as pessoas têm direito a chances de vida digna, a despeito de doenças ou outras limitações sociais e econômicas (GOLDEBERG, J. *A clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, Instituto Franco Baságlia, 2ª edição, 1996.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

É esta experiência que, em meu modo de entender, partilho com Baremblitt[14], quando afirma que "(...) a clínica pode se constituir em uma prática, encaminhada, cada vez mais, para uma atitude política e ética perante a vida, no sentido amplo do termo". Em suas palavras,

> O estatuto da clínica não se reduz ao domínio de uma teoria, de um método ou de uma técnica específica, muito menos aos regulamentos do exercício de uma profissão. A clínica se processa num espaço 'sui generis', portanto sem um lugar instituído. Desde que haja 'Vontades de Ajuda'[15], que localizem e procurem desconstruir o que impede o processo produtivo, pode se dar algo da ordem da clínica[16].

O desejo de escrever e de analisar minha prática comunitária veio-se construindo desde meu ingresso no Curso de Mestrado. Foi nesta ocasião que tive a oportunidade de conhecer os autores da teoria crítica, como também alguns teóricos contemporâneos, que refletem sobre os usos dos avanços tecnológicos, suas conseqüências negativas e positivas sobre os sujeitos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

4.4
A investigação e seu contexto

Os fatos e as passagens até então mencionados acredito terem sido importantes para o aprofundamento das questões das quais me ocupo há mais de duas décadas. Assim, reuni idéias e instrumentos para articulá-las. A opção de trabalhar com a imagem, entre outras tantas possibilidades, se deu em função do contexto característico do nosso cotidiano, que se pode denominar de "o império da imagem".

Ao considerar o efeito das imagens (mídia contemporânea) na construção da subjetividade atual, elege-se a imagem através do vídeo (videogravação da imagem de si, em grupo), como alternativa metodológica para a compreensão e a análise de como se processam a produção do saber e a construção da subjetividade crítica, com populações de baixa renda, provenientes de bairros da cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma iniciativa de uma Pastoral em realizar um trabalho comunitário.

---

[14]BAREMBLITT, G.F. "A clínica como ela é". *SaudeLoucura*, nº 5. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997, p. 7.
[15]Segundo o autor, esta é uma redefinição de uma idéia tomada de Nietzsche.
[16]BAREMBLITT, G.F., op. cit., p. 7.

A justificativa do presente trabalho é tecer considerações sobre o conhecimento produzido a partir de um encontro de sujeitos, utilizando-se como instrumento de observação e registro a imagem, detectada em função do uso do vídeo.

Parte-se do pressuposto de que a introdução da imagem no contexto grupal funciona como um instaurador de discursividade[17], entendido como a moção que opera em termos da produção do pensar, do falar e do agir, enquanto diferença.

A contextualização dos modos humanos de relacionamento contemporâneo me levou a utilizar a imagem como estratégia de intervenção, no sentido de propiciar aos sujeitos da referida Pastoral modos críticos de pensar e agir na experiência cotidiana.

Foi introduzido o uso do vídeo no trabalho comunitário, tanto produzindo imagens no interior dos grupos com os quais se trabalha, como utilizando vídeos didáticos[18], que visam complementar os assuntos abordados. Desde o início de minha inserção na Pastoral, um tipo de inquietação se fez presente. Acreditava estar diante da possibilidade de não poder explicar este tipo de agrupamento simplesmente em função do alimento em si. Quer dizer, outros vetores deveriam ser considerados para explicá-lo. Este algo mais se converteu num aspecto instigante, que, no momento, procuro investigar, através da introdução do uso do vídeo. Portanto, produzir um entendimento sobre o modo pelo qual o saber é construído, considerando os possíveis rearranjos que ocorrem num agrupamento de sujeitos, numa proposta de alcance comunitário, também permite avaliar uma modalidade de prática psicológica em termos de seus paradigmas, seus alcances,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

---

[17]"Instaurador de discursividade" é uma expressão proposta por Michel Foucault e utilizada por Marilia Amorim que significa dizer que: "É instaurador de discursividade todo aquele cuja obra permite que outros pensem algo diferente dele. Dito de outra maneira: sua obra é condição de possibilidade para que determinados pensamentos se produzam, mas ao invés de serem pensamentos que se repetem o que diz essa obra, ao contrário, trazem diferenças em relação a ela". AMORIM, M. *O pesquisador e...*, op. cit., p. 15.

[18]Algumas vezes, antes da realização desta pesquisa, fazia-se uso de vídeos, que foram nomeados de vídeos instrutivos/educativos, como complementação do conteúdo exposto. São vídeos produzidos pelo Ministério da Saúde sobre temas tais como prevenção da AIDS, métodos contraceptivos, aleitamento materno, parto, entre outros.
Embora os vídeos didáticos estejam presentes no trabalho da Pastoral, não serão abordados na análise sobre o uso do vídeo. Há também fotografias do grupo, realizadas a partir de solicitações de alguns participantes, como uma possível recordação que eles possam levar do grupo, ao término de sua permanência na Pastoral do Recém-nascido; ver alguns exemplos em anexo. Estas fotografias também não serão objeto de análise. Ainda há um vídeo sobre o trabalho da Pastoral, quando a TVE fez uma entrevista para o programa "Um salto para o futuro", que foi ao ar em 04/04/01. Este vídeo também não consta da análise sobre o uso do vídeo.

seu poder de transformação e sua repercussão no contexto das relações sociais. Ao introduzir a câmera nos encontros semanais grupais, possibilita-se o acesso ao uso desta tecnologia com classes populares[19], que, com exceção dos grupos que se organizam em torno de interesses específicos, como, por exemplo, TV Maxambomba, TV Pinel[20], se vêem apartadas do processo de criação da imagem e, muito menos, se pensam como sujeitos atuantes, capazes de produzir, de intervir, de compreender e de criticar este processo.

Os trabalhos mencionados dentre muitos outros, das várias instituições acadêmicas e iniciativas governamentais e não-governamentais, trazem importantes contribuições principalmente neste momento em que fica mais clara uma situação que vem de muitos anos, ou seja, a situação das comunidades pobres das favelas que vivem num regime de exceção, sob o comando e o controle do poder paralelo[21]. É em função principalmente dessa questão, que se percebe como é fundamental para o desenvolvimento democrático das grandes cidades, procurar respostas de fato possíveis para a melhoria de condições de vida material e subjetiva para as populações de baixa renda, vislumbrando atingir a integração da comunidade que vive no regime de exceção com a comunidade que pode usufruir do poder legal. Segundo Leonardo Boff "a inserção do pesquisador no mundo da apartação é solidária porque expressa a vontade de unir-se a eles para reforçar a busca das transformações necessárias".[22]

Possibilitar a conscientização de que todos somos responsáveis em algum nível pelas condições de vida que temos, é um dos caminhos possíveis para as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

---

[19]"Com a ampliação gigantesca da imprensa, colocando à disposição dos leitores uma quantidade cada vez maior de órgãos políticos, religiosos, científicos, profissionais e regionais, um número crescente de leitores começou a escrever, a princípio esporadicamente (...) Com isso, a diferença essencial entre autor e público está a ponto de desaparecer (...) A competência literária passa a fundar-se na formação politécnica, e não na educação especializada, convertendo-se, assim, em coisa de todos" (BENJAMIN, W. "A obra de arte da era...", *Obras Escolhidas...*, op. cit., p. 184.

[20]Luciana Lobo Miranda, integrante do grupo interdisciplinar de produção de subjetividade (GIPS) e Doutora do Departamento de Psicologia da PUC/Rio, desenvolveu um interessante estudo sobre a experiência das TVs comunitárias (TV Pinel e TV Maxambomba). Com a participação direta dos grupos populares no processo de produção, elaboração e distribuição de vídeos, vai-se dando uma apropriação da construção das imagens, podendo, desta forma, propiciar encontros comunitários (depoimentos, questionamentos) via programas de TVs locais (MIRANDA, L.L. PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 2002).

[21] A esse respeito ver ZAMORA, M.H.R.N. Textura áspera: confinamento, sociabilidade e violência em favelas cariocas. Tese de doutorado, Depto. de Psicologia, PUC/RJ, 1999. A autora estuda o afastamento da vida social em espaços públicos dos favelados para lugares privados como a casa em conseqüência da violência cotidiana influenciada principalmente pelo narcotráfico e pela ação da política.

[22] BOFF, L. No comentário de orelha do livro de ROCHA, A. Cidade Cerzida, Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.

soluções, mas torna-se necessária a participação ativa das pessoas nas diversas inserções sociais. Neste sentido, é preciso que as pessoas se organizem para se fazerem representar nos diversos lugares de discussão e posterior decisão de seus interesses.

Foi com o objetivo de produzir condições de inclusão social e de desenvolvimento humano e econômico que Antonio Lancetti[23] realizou na secretaria de Ação Comunitária da Prefeitura de Santos várias iniciativas com a participação da população organizada em conselhos, em conferências e fóruns, questões de interesse da cidade. Um ponto forte dessa intervenção foi marcada pela participação da população de diversas maneiras. Nesta mesma linha de atuação Adair Rocha[24] explora as complexas relações entre a favela e o "asfalto". É uma publicação que se realiza após dezesseis anos de convivência "comunitária" do autor com um grupo de pessoas do morro Santa Marta mobilizando esta coletividade para atividades de organização dos moradores para sua melhoria material e subjetiva.

Lucia Magno Lopes Pereira[25], parte de uma experiência de trabalho com menores infratores e tenta estabelecer um diálogo entre psicanálise e violência para pensar em contribuições ao contexto de "mal-estar" crescente na cidade do Rio de Janeiro. Cabe destacar também um estudo acerca da construção de subjetividade com meninas e adolescentes no espaço de rua, no qual Vania Maria de Oliveira[26], analisa o processo de construção da subjetividade em meninas e adolescentes que deixam a casa para morarem nas ruas de Copacabana. A importância do estudo também se dá pelas análises das relações dos sujeitos em questão com a família, a escola, o trabalho, os grupos de pares e das instituições de atendimentos e comunidades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

---

[23] LANCETTI, A. (org.) Assistência Social & cidadania, op. cit.
[24] ROCHA, A. A cidade cerzida, Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2000.
[25] PEREIRA, L.M.L. A fala da violência: um estudo psicanalítico da violência, PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 17/04/97.
[26] OLIVEIRA, V.M. A rua é lugar de menina? Um estudo acerca da construção de subjetividade com meninas e adolescentes no espaço de rua. Dissertação de mestrado. PUC/Rio, Depto. de Psicologia, Pós-graduação, 30/04/93.

Ao fazer uso do vídeo (aparelho técnico), pensa-se também em propiciar acesso a óticas não visíveis pelo olho humano[27], possibilitando, desta maneira, aos sujeitos da Pastoral, mobilizações subjetivas próprias da experiência do homem contemporâneo. Ao produzir um texto sobre uma prática comunitária num contexto acadêmico, tem-se ainda por objetivo não só abrir o debate sobre a necessidade de se incluir permanentemente, nos currículos de formação do psicólogo, uma cultura do profissional voltada para os trabalhos com as comunidades, como também propiciar uma inter-relação maior entre a Universidade e as comunidades[28].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

[27]Benjamin, ao comentar sobre a positividade da reprodução técnica, afirma: "(...) a reprodução técnica tem mais autonomia que a reprodução manual. Ela pode, por exemplo, pela fotografia, acentuar certos aspectos do original, acessíveis à objetiva – ajustável e capaz de selecionar arbitrariamente o seu ângulo de observação --, mas não acessíveis ao olhar humano. Ela pode, também, graças a procedimentos como ampliação ou câmera lenta, fixar imagens que fogem inteiramente à ótica natural. Em segundo lugar, a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações impossíveis para o próprio original. Ela pode, principalmente, aproximar do indivíduo a obra, seja sob a forma de fotografia, seja de disco" (BENJAMIN, W. "A Obra de arte na era....",*Obras escolhidas,* op. cit., p. 160.

[28]Maria Florentina A. Camerini e Aída M. Carvalho, p. 981, abordam a questão da relação entre teoria e prática e compartilham com BRASIL, C.V., da seguinte passagem: "Como reformular a política da palavra na academia, possibilitando a interação da polivalência social do signo ideológico, numa práxis, colocando-se o sujeito no vir a ser de grupos socialmente organizados e diversos tornando-o autor de um texto prático teórico" (CAMERINI, M.F.A., e CARVALHO, A.M. "A produção da pesquisa na academia e sua aplicação". In: *Cadernos de metodologia*, Rio de Janeiro, PUC, CTCH, Depto. de Psicologia, v. 1, nº 1, 1994.